

DOI: 10.18468/rbli.2020v3n2.p206-217

Bilinguismo e o Papel dos Inalienáveis e Empréstimos na Constituição da Variedade Étnica Português Xerente na Perspectiva da Sociolinguística e da Etnossintaxe

Bilingualism and the Role of Inalienables and Borrowings in the Xerente Portuguese Ethnic Variety Through Sociolinguistics and Ethnosyntax

Silvia Lucia Bigonjal Braggio

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Sinval Martins de Sousa Filho

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo. O uso da Etnossintaxe e das Tipologias Sociolinguísticas como suporte teórico para este trabalho nos permite estabelecer nosso objetivo principal: mostrar quais aspectos e como o povo Akwẽ Xerente (Jê) apresenta um tipo único de variedade do português. Para tal, apresentamos o papel dos nomes inalienáveis da língua indígena e dos empréstimos da língua portuguesa. Discutimos como o contato entre línguas se dá nos cenários dos Akwẽ Xerente e os fenômenos linguísticos relacionados ao bilinguismo Xerente-português. Os dados foram coletados por meio de observação contínua, entrevistas e questionários semiestruturados, com diferentes gerações de falantes, ao longo de 30 anos de trabalho dos autores com o povo xerente. Os resultados mostram a influência da língua Akwẽ Xerente (L1) sobre o português (L2) na variedade étnica Língua Portuguesa Xerente. Pretendemos também contribuir com a educação escolar indígena. Por último, mas não menos importante, apresentamos uma resposta sobre a vitalidade da língua Akwẽ.

Palavras-Chave: Línguas em Contato; Etnossintaxe; Akwẽ-Xerente.

Abstract. The use of Ethnosyntax and Sociolinguistic Typologies as our theoretical support to this paper allow us to establish our main goal: showing which aspects and how the Akwẽ Xerente bilingual people (Jê) present a unique kind of Portuguese variety. To this end, we present the role of inalienable names in the indigenous language and loans in the Portuguese language. We discussed how the contact between languages takes place in the scenarios of the Akwẽ-Xerente and the linguistic phenomena related to Xerente-Portuguese bilingualism. The data, assumed by the authors to be reliable and dependable, were collected through ethnography of communication for the period of almost 30 years and are composed by observations, conversations, questionnaires, interviews etc. The results show the influence of the Akwẽ Xerente language (L1) over Portuguese (L2) in the Xerente Portuguese Ethnic Variety. We also intend to make a contribution to indigenous school education. Last but not least we present a response about the vitality of the Akwẽ language.

Keywords: Languages in Contact; Ethnosyntax; Akwẽ-Xerente.

1. O princípio, a metodologia, os objetivos e os resultados esperados¹

Foi somente na Carta Magna de 1988 que o Brasil reconheceu os povos indígenas aqui existentes garantindo-lhes o uso de suas terras e educação específica (BRASIL, 1988). Para muitos pesquisadores que trabalham com os povos indígenas, este ato foi visto como um avanço nas políticas públicas para esses povos. Contudo, nem tudo o que se escreve neste país se cumpre. Conforme Braggio (2018), as demandas dos povos indígenas brasileiros continuam: na demarcação e proteção de suas terras originárias, na saúde, na educação, na jurisprudência. Houve, sim, avanços, mas estes têm se dado principalmente na educação, quando em 1991 a obrigação da educação indígena passa da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para o Ministério da Educação (MEC) e as universidades brasileiras passam a oferecer cursos de formação para professores indígenas em conjunto com as secretarias estaduais e municipais de educação.

Quanto às políticas de línguas, há o Instituto de Políticas Indígenas (IPOL) criado e coordenado por Gilvan Muller de Oliveira na UFSC. É a partir desta instituição que algumas línguas indígenas se tornaram cooficiais. Entretanto, apesar do que contêm os vários documentos, artigos, teses, dissertações, a maioria do povo brasileiro ainda acredita em um país monolíngue em português. A ideia de um país plurilíngue e pluricultural, com 180 línguas indígenas e as línguas dos imigrantes, não faz parte do seu conhecimento. Na verdade, as línguas indígenas são altamente estigmatizadas. Postagens colocadas em jornais após alguma notícia sobre os indígenas são bastante preconceituosas, para dizer o mínimo. Nos entornos das aldeias, o preconceito contra eles é bastante duro e, muitas vezes, fisicamente deploráveis. Este cenário não facilita em nada o contato dos indígenas com os não indígenas. Portanto, o bilinguismo indígena não é visto como aditivo, ou de enriquecimento, e as variedades étnicas do português são praticamente ignoradas.

O contato entre línguas de diferentes povos, nesse artigo, as indígenas, apresentam tipologias linguísticas e sociolinguísticas diferenciadas, o que geralmente acarreta a seguinte questão: "A língua indígena X está em processo de extinção?". A fim de responder a esta pergunta, o trabalho com uma dada língua indígena é longo. Antes do início da análise da situação sociolinguística é preciso fazer um trabalho bibliográfico visando conhecer a história do povo que a fala e, se existentes, estudos anteriores analíticos e descritivos da língua indígena. A escolha do método de análise é, preferencialmente, a etnografia da comunicação (HYMES, 1964; GUMPERZ, 1964) entre outros, com observação, questionários (que podem ser qualitativos e/ou quantitativos; abertos, semiestruturados ou estruturados), cadernos de notas com eventos de fala para marcar a(s) língua(s) usada(s) por seus falantes. Um único falante não dá a dimensão necessária para entendermos o que ocorre nestes eventos. Dentro deles há questões vitais a serem analisadas e descritas. Além disso, é preciso analisar as variáveis extralinguísticas que afetam positiva ou negativamente a vida da língua indígena: políticas linguísticas internas e oficiais, políticas de educação escolar, movimentos geopolíticos, associações indígenas e não indígenas, entre outros. Esta é a base de nossa metodologia a partir de um banco de dados sempre em construção.

As análises sociolinguísticas vêm se sofisticando desde que Weinreich lançou *Languages in Contact* em 1966. A urgência de se saber que línguas estão em perigo de extinção e os programas que visam sua vitalização e empoderamento existem em várias partes do mundo. Na base dos estudos

1. Este artigo faz parte de projeto do CNPq 303201/2017-7, de Silvia L B Braggio.

sociolinguísticos está o que se entende por bilinguismo. Afinal, é disso que estamos tratando. A comunidade estudada é bilíngue? Bilíngue passando para monolíngue? Ou seja, são questões que temos que entender e responder, a fim de termos um quadro robusto da situação sociolinguística, já que os estudos das variedades étnicas dependem não só do conhecimento estrutural, funcional e social das línguas envolvidas, como são marcadores significativos das interinfluências que as línguas apresentam em situação de contato. A etnossintaxe tem se mostrado bastante útil no desvelamento desta situação, por abranger aspectos que são específicos das línguas indígenas, como os termos inalienáveis e a organização de parentesco (BRAGGIO e SOUSA FILHO, 2020), além da sociolinguística. Este é o caminho que seguimos, com a especificação do problema, da metodologia, dos objetivos e dos questionamentos e possíveis resultados que, afinal, levam a outros questionamentos em vista da fluidez do mundo onde vivemos.

2. Aspectos do ser bilíngue

O indivíduo bilíngue e as sociedades bilíngues vêm sendo bastante estudados na sociolinguística, na etnolinguística, na etnossintaxe, nas ciências cognitivas e, mais recentemente, na neurolinguística com pesquisas experimentais em sofisticados instrumentos de computação. Todos estes estudos concordam que se a aquisição de uma segunda ou terceira língua não for simultânea, adquiridas de forma natural, ao mesmo tempo, na primeira infância (early childhood), estamos tratando com o bilinguismo sucessivo, em que uma língua é adquirida como primeira língua (L1) e a outra como segunda língua (L2). Todos também concordam que nem o indivíduo, nem a sociedade, no caso da aquisição sucessiva, tornam-se bilíngues “em um piscar de olhos”. Para Nettle e Romaine (2000), na sociedade, há uma gradação, um continuum, que depende do grau de contato, do uso da L2 no cotidiano. Uso, portanto, é uma palavra-chave quando se fala de bilinguismo. Esta gradação vai do bilinguismo incipiente (incipient bilingualism) ao bilinguismo alto (high bilingualism), podendo levar, a partir daí, ao monolinguismo na L2, dependendo das variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no cenário onde se encontram as línguas. Todos também concordam que a L2 se localiza no hemisfério esquerdo do cérebro (lateralização) e se adquirida na primeira infância, não só tem mais probabilidade de ser duradoura, como ativa mais conexões neurais (PARADIS, 1981; DE GROOT, 2011), incluindo partes do hemisfério direito. Na verdade, o cérebro/mente está sempre ativo por meio das conexões neurais. Os neurolinguistas tratam a aquisição de um novo instrumento, como uma ferramenta, no caso a L2, que o cérebro/mente necessita incorporar, estrutural, funcional e socialmente, logo, precisa de tempo, pois se trata de um *processo*. Braggio (2020, neste artigo) acredita na hipótese da herança filogenética e ontogenética para explicar, a partir das ciências cognitivas (principalmente da neurociência), a existência de um supertrato (ou schema) de aquisição do conhecimento superior, mais amplo e complexo, no qual se encaixam línguas, atividades motoras, sensoriais etc., que ativa os diversos *loci*, por meio das sinapses e conexões neurais dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro/mente e entre eles, a partir do momento da interação da criança com seu ambiente e outros seres humanos. Na primeira fase da infância, a criança é capaz de adquirir duas ou mais línguas. Todavia, não há concordância se as línguas estão em sistemas separados ou se há dois léxicos para uma gramática se o sistema da L1 absorve a L2 e outras concepções que têm surgido desde a “Torre de Babel”. O fato é que os empréstimos e *codeswitchings* (mudança de uma língua para a outra em várias circunstâncias), tão desprezados no passado, por aqueles que ainda acreditam que precisamos falar *fluentemente* uma segunda língua, são hoje vistos como atividades complexas do cérebro/mente do falante bilíngue que, não necessariamente, sabe escrevê-la (uma das quatro habilidades exigidas

por alguns puristas do ensino de LE). E, por fim, a afirmação de que o bilinguismo pode ser aditivo ou subtrativo, ou seja, de enriquecimento, ou de subtração, como no caso em que o bilíngue passa a usar mais a língua oficial de seu país do que a sua. A aquisição de uma segunda língua pode se dar simultaneamente ou sucessivamente. No caso de a aquisição ser sucessiva, a L1, quando realmente usada, carrega seus traços para a L2.

3. Contato entre línguas: Bilinguismo e Variedade Étnica Akwẽ Xerente

Dado o cenário brasileiro, anteriormente apontado, para os povos e línguas indígenas, é possível que eles tenham chegado ao século 21, sem as escaras do contato com a sociedade que os envolve? Neste ponto, passamos a focar os Akwẽ Xerente, povo e língua com a qual trabalhamos há três décadas. A situação sociolinguística, psicolinguística, a análise e descrição da língua (fonologia e morfossintaxe) e a educação escolar vêm sendo trabalhadas por vários pesquisadores da Universidade Federal de Goiás e Universidade de Brasília. Neste artigo, tratamos da situação sociolinguística do contato da língua originária com o português e deixamos algumas reflexões sobre a educação escolar indígena deste povo.

3.1. Bilinguismo

A observação e a coleta de dados sobre a atual situação de bilinguismo dos Akwẽ Xerente mostram um continuum que parte do monolinguismo ao bilinguismo alto, com base nos aportes teóricos de Edwards (1992). No momento, a sociedade Akwẽ Xerente encontra-se em estado de bilinguismo alto com diferenças entre as gerações. É óbvio que quando duas línguas entram em contato, sendo uma delas a minorizada, é esta que vai passar por processos que lhes são peculiares. A passagem do monolinguismo (monolingualism) ao bilinguismo alto (high bilingualism) aconteceu gradualmente, conforme o contato entre a sociedade indígena e a não indígena, e foi se tornando cada vez mais intenso à medida que a língua portuguesa foi sendo cada vez mais usada. A tarefa é árdua para sobreviver e ao mesmo tempo manter sua língua. Logo, ser bilíngue não se trata de uma escolha, mas de uma imposição de um Estado que ora quer a *assimilação* do povo indígena, mesmo que ele perca sua língua e cultura, ora a *integração*, que garante a manutenção da língua e da cultura, conforme a Carta Magna de 1988. Ainda assim, o que sempre se observa é a assimilação, muitas vezes calcadas na omissão ou intimidação.

Dentro do quadro de Edwards mostramos algumas características que são vitais para que uma língua não seja perdida. Seguem as relativas ao povo xerente (cada afirmação, quando necessário, será posteriormente comentada):

1. A língua tem sido passada de geração em geração;
2. A língua Akwẽ é a primeira a ser adquirida (L1);
3. A língua é reconhecida como cooficial;
4. A língua é usada na alfabetização;
5. Os professores desta fase são os próprios indígenas;
6. As terras xerente estão demarcadas, homologadas e oficializadas; e
7. Há uma rádio em língua Xerente.

Os itens 1 e 2 mostram que a língua originária na sua modalidade oral ainda é a mais usada. Os diversos pesquisadores do grupo atestam essa afirmação. No entanto, há diferenças entre as gerações no caso dos empréstimos e da aquisição da L1 se a mulher xerente for casada com um não indígena (SOUSA FILHO, 2000). Em texto específico sobre a aquisição da língua Xerente, Sousa Filho (2009, p. 307) analisa a seguinte cena enunciativa:

Cena 2 - Krěsku brinca com Nirnã. De repente, desentendem-se:

K:(11) ai-sa ai-prək taně-wa
2-morder 2-bater CONJ
'Então, vou te morder e bater'.

Nirnã pede auxílio à sua mãe:

N: (11.1) māj-ě pekamă
măe-ENF abusar
'Mãe, ele está abusando de mim' (lit.: 'Mãe, abusar').

O item lexical māj "mãe" explicita claramente que há elementos da língua portuguesa incorporados à língua Xerente. Esses itens e outros mais analisados por Sousa Filho (2009) demonstram o intenso contato entre as duas línguas, os empréstimos linguísticos e outras variáveis do continuum da fala dos bilíngues.

Existe uma rádio Xerente, que é um canal para informações gerais entre as várias aldeias das duas terras Xerente. Essa rádio foi criada em 1999 e continua ativa. Hoje, a rádio convive com as ferramentas das redes sociais ligadas à World Wide Web (WWW), interligados e executados na Internet.

A língua Akwě-Xerente passou a ser língua cooficial da cidade de Tocantínia em 2012. Entre outros direitos adquiridos, está o de que os documentos escritos nas instituições públicas da referida cidade do estado do Tocantins devem ser redigidos em português e em Xerente. Essa prática ainda não foi devidamente incorporada pelas instituições municipais de Tocantínia.

Atualmente, Braggio (2005, p. 252) divide as gerações de falantes em quatro grupos:

Quadro 1: Divisão etária dos Xerente

+velhos	+jovens	+jovens	+jovens
60 anos em diante	40 anos até 59	21 anos até 39	de 1 a 20 anos

E observa que os +velhos usam os itens lexicais nas formas plenas, os +-jovens transitam entre as formas dos +velhos e a dos +jovens. No dicionário dos Krieger (Krieger e Krieger, 1994), os autores colocam as formas plenas e as que passam por processos fonológicos na língua xerente. Pelos exemplos no dicionário e nos empréstimos, pode-se perceber que:

- i. os +velhos elaboravam os empréstimos com palavras da própria língua;
- ii. há um processo de apagamento das vogais harmônicas;
- iii. há assimilação regressiva com duas vogais não idênticas; e
- iv. apagamento das vogais quando a última sílaba não é fonologicamente acentuada.

Braggio (2005) mostra vários processos ocorrendo na língua entre os dados coletados em 1866 (MARTIUS, 1866), em 1966 (MAYBURY-LEWIS, 1966) e em 2005 (BRAGGIO, 2005), que não serão repetidos neste artigo.

Além do mais, há diferenças nos itens lexicais que os +velhos dominam, os +jovens não, e vice-versa. Esse fator é decisivo para que os +jovens digam “não entender tudo que os +velhos falam” e os +velhos “não entendem tudo o que os +jovens falam”. Obviamente, os +jovens têm mais contato com os não indígenas fora da aldeia, nas cidades mais próximas, quando saem para estudar, ou mesmo com a entrada do português nas escolas das aldeias.

Exemplos de bilinguismo incipiente e bilinguismo alto:

+velhos	±jovens	±jovens	+jovens	
krāi	krāi	krā	krā	cabeça
kwarā	kwarā	warā	warā	tatu
krāiti	krāiti	krēti	krēti	saúva
tepe	tepe	tp/be	tp/be	peixe
budu	budu	b/pdu	b/pdu	pescoço
haisuka	haisuka	hesuka	hesuka	papel
rowahtuze	rowahtuze	rowahtze	rowahtze	escola

Nos exemplos, há variação entre [p]~[b] e [t]~[d]. Assimilação regressiva em [āi]~[ē], [āi]~[ā], [ai] ~ [e]. Apagamento de vogais: budu=bødu, tepe=tøpe, rowahtuze=rowahtøze. Apagamento de consoantes: kwarā=øwarā.

Não obstante, a passagem da língua de geração para geração é coesa, já que os atuais genitores dominam também a forma dos +velhos, essa ocorrência pode ser observada com o aporte da etnossintaxe no tratamento dos inalienáveis: termos de parentesco e partes do corpo estendidos aos animais e plantas, conforme Braggio (2011). Esse aspecto mostra a simbiose dos indivíduos indígenas no mundo. São parte dele e não à parte dele. É por meio da etnossintaxe que podemos abrir uma janela para a cosmovisão indígena. A etnossintaxe é uma revisita ao relativismo de Sapir e Whorf. Segundo Enfield (2004), língua e cultura são constituídas conjuntamente nas redes socioculturais nas diferentes comunidades de fala.

Exemplos:

ĩ=di	
1NSG barriga	“Minha barriga”.
da=zdaku	
Dele baba (líquido que escorre pela boca)	“Baba dele (de alguém)”.
wanorĩ=mrme=ze	
Nossa voz nominalizador	“Nossa voz”.
tahã=sdawahã	
dele lábio	“Lábio dele”.
Hewaka=zdawa	
Hewaka boca	“Boca do Hewaka”.

sika=kre galinha ovo	"Ovo da galinha".
ktə=kmõ=di classificador boi barriga	"Barriga do boi".
arb =pahi morcego asa	"Asa do morcego".
wapsã=kra=re cachorro filho diminutivo	"Filhotinho (do cachorro)".

Os inalienáveis em Xerente referem-se à partes do corpo, qualitativos, voz (palavra, canto). Os pronomes possessivos e pessoais são utilizados para indicar o possuidor. Assim, a posse dos inalienáveis em nomes com o traço [+humanos], adotado para este texto, se dá pelo prefixo, ou seja, o item de quem possui fica à esquerda e o item possuído à direita. Nos exemplos, o possuído é necessariamente precedido pelo pronome, ou quando se refere a um indivíduo específico, o seu nome forma um composto com o termo inalienável.

3.2. Variação

O cenário linguístico do Brasil classifica-se a partir da ideia de que há no país uma língua oficial, uma língua internacional, uma língua nacional: o português. A língua oficial é, como o nome diz, aquela reconhecida oficialmente pelas autoridades governamentais e a língua portuguesa é a que se reconhece na Carta Magna brasileira. Também, a língua portuguesa é nacional, falada pela sociedade como um todo, e internacional, representa o Brasil dentro e fora do país. Entretanto, essa não é a única língua falada pelos brasileiros como primeira língua. Há no Brasil várias línguas indígenas, por volta de 180 e variedades étnicas do português usadas por seus falantes. No estado do Tocantins, há 7 etnias indígenas: Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé, Apinajé, Krahô, Krahô Canela e Xerente. Essas etnias fazem uso do português étnico. Esse português é resultado do contato entre essas sociedades indígenas e os demais grupos sociais do estado do Tocantins. No que se refere ao Português Xerente, apresentamos estudos com algumas características que o constituem.

Para França e Grannier (2013), o português falado pelos Xerente apresenta as seguintes características:

a) As vogais centrais alta fechada arredondada /ʊ/, alta fechada não arredondada /ɪ/ e média fechada não arredondada /ə/, quando em posição átona no final de sílabas, tiveram um grande índice de apagamento, ou queda. Para exemplificar, os autores citam os seguintes exemplos:

[a'gɔrki]	'agora o que'
[kēs]	'câncer'
[pɾɛwku'padnɛ]	'preocupada né'
[sa'udki]	'saúde que'
[pɔd'pasa]	'pode passar'
[ʃe'rebaʃtãts]	'xerente bastante' (FRANÇA; GRANNIER, 2013, p. 4)

b) Queda e/ou apagamento de consoantes, tal como afirmam os autores: “[sɔ'frenasi:], 'sofrendo assim' e [fa'ləne'gɔsdi:] 'falando negócio de'” (FRANÇA; GRANNIER, 2013, p. 4), onde a última sílaba inteira (-do) foi apagada, devido ao ritmo da fala que provocou a formação da respectiva palavra fonológica, o que também, neste caso, é característico de algumas variedades do português brasileiro.

França e Grannier (2013) concluem que o português étnico Xerente apresenta muitas similaridades com o português falado no estado do Tocantins. Neste artigo chegamos a outra conclusão. Para tratar do português xerente, Braggio (2015, p. 123) assinala que a gramática da língua Akwẽ tem influenciado, em muitos aspectos, a variedade étnica do português:

A língua Xerente pode ser classificada basicamente como aglutinante, do tipo SOV: sujeito-objeto-verbo, diferentemente do Português que é uma língua classificada basicamente como flexional e do tipo SVO: sujeito-verbo-objeto. Possui posposições e não preposições como em Português. Apresenta fonemas e padrões silábicos que nem sempre correspondem aos do Português. O gênero e a pluralização não são marcados no Nome. Há qualificadores e quantificadores para a pluralização no Nome. A pluralização é marcada no pronome pessoal e no pronome possessivo nos sintagmas nominais e verbais. Há palavras inalienáveis, ou seja, palavras que somente se apresentam com seus possuidores (termos de parentesco e partes do corpo que também marcam animais e plantas). Os verbos são não flexionados. Tempo, modo e aspecto são marcados por quantitativos ou qualificativos. Há vários classificadores para caracterizar os Nomes. Todas essas características vão ter forte influência na Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ.

Para exemplificar e comprovar argumentos de Braggio (2015), citamos os seguintes exemplos descritos por Silva (2014, p. 81):

P: E quando akwẽ casa com branco é o que?

Predi: Mestiço

P: E qual a língua que o mestiço fala?

Predi: Qual a língua? Os dois. Aí se for casar com aquela índia pura aí fala só uma língua, aí vai crescendo, aí vai conhecendo outras línguas na escola, mas o que é mestiço fala os dois.

Vê-se nesse trecho de entrevista que Predi não marca o gênero ao responder “os dois” para a pergunta “E qual a língua que o mestiço fala?”. Também, vê-se nos dados o uso da palavra “mestiço”, que é um termo usado pelos Xerente e pelos tocantinenses para se referirem aos filhos de um casal formado por um indígena e uma não indígena.

No recorte abaixo, percebe-se que o português aparece na fala de Hmõdi com a ordem SOV, esta notadamente vista como uma característica da língua Xerente, com o verbo encabeçando a sentença:

P: e por que você não fala o português com o xerente quando tem um não-índio junto? Por exemplo, tá eu, você e o Pedro conversando, quando você vai conversar com o Pedro, você conversa com ele na língua. Por que você não conversa em português?

Hmõdi: **deve ele não vai gostar**. Ele vai falar que tô parecendo é cristão falando em português com ele. Tem que falar é xerente (SILVA, 2014, p. 78).

Na resposta, Hmõdi usa dois verbos, um mais deontico e outro desiderativo. Os dois emolduram a sentença e mantem a ordem SOV.

No exemplo seguinte, temos mais uma evidência da não marcação de gênero proveniente da língua Akwẽ influenciando o português Xerente:

P: E qual a língua que o mestiço fala?

Sikadi: os dois né. Akwẽ e ktuanõ.

Srone interfere: Bilíngua, né? Como é que chama? Tem que falar duas línguas, né? (SILVA, 2014, p. 78).

A palavra “bilíngua” mostra que há uma oscilação na marcação de gênero, oscilação esta muito provavelmente provocada pela influência da língua Xerente.

Para os demais apontamentos, citamos o texto ‘Produção de texto’, transcrito de Vieira (2009):

Quadro 2: Produção textual.

1. Produção de texto
2. a corida de tora
3. a corida de tora é uma
4. festa indígena para
5. os índios gosta de tora e
6. corre tamben é muitos
7. índios vai bruca. O tora de
8. buriti é vai correm com tora
9. é muito pezado também vai
10. ate na casa ele fiquem
11. muito cansado de pois vai
12. rrodaem e canta os mais
13. velho e de pois vai dois
14. índios para o mata e
15. ai ele vem para come de pois
16. o mais velho canta e de pois
17. vai tudo para o mata e ele
18. agora vai sidomata para
19. colocaem nome nas meninas
20. e nos meninos de pois a
21. cabo a festa indígena
22. LeniValdo Srôsdaze

Fonte: Vieira (2009, p. 612).

O uso de preposição quase sempre causa um certo desconforto, pois não se usa esse tipo de adposição em Xerente. Em seu lugar, usa-se posposição. Assim, para saber exatamente como usar, a criança Xerente testa o uso da preposição “de”, que aparece forte a ponto de ter “autonomia” em “de pois”, para grafar a palavra depois. Nas sequências “índios vai bruca. O tora de” e “índios para o mata e”, notamos que a marcação de gênero também é uma característica da língua portuguesa que traz dificuldades para os Xerente ao usarem a referida língua como recomendam as gramáticas prescritivas. Quanto à flexão de número, é possível notar que ora ela é marcada, ora não; lembrando que em Xerente marca-se o número singular e o não singular nos nomes. As seguintes sequências servem para ilustrar como se dá a marcação do número nos nomes do português étnico Xerente: “os índios gosta de tora; “corre tamben é muitos”; e “índios vai bruca. O tora de”.

Como se vê, consideramos que o português étnico Xerente apresenta muitas diferenças do português do Tocantins.

4. Empréstimos

Os empréstimos são bastante úteis para mostrar as diferenças entre as gerações. Os +velhos usavam itens lexicais da própria língua “empréstimos por criação” quando o bilinguismo era incipiente, i.e., quando havia pouco contato com o português e o número de falantes dessa língua era bem menor. Os mais +jovens, em número exponencialmente maior e com muito mais contato com o

português, em estágio de bilinguismo alto, emprestam diretamente do português, passando pelo filtro fonológico, ou não.

Dessa forma, Braggio (2001), analisando os empréstimos do português pelo xerente por meio destas gerações, e Mesquita (2015), os codeswitchings, levanta-se o questionamento do fortalecimento da língua, já que o povo xerente está em estado de bilinguismo alto e é cada vez maior a entrada do português nas aldeias e, ainda, por fatores extra linguísticos que não favorecem a coesão interna, como a dispersão na área e a migração para as cidades mais próximas. Os exemplos a seguir mostram os empréstimos pelas diferentes gerações que serão usados em codeswitchings bastante complexos como mostra Mesquita (2015).

Exemplos de empréstimos:

Quadro 3: Empréstimos linguísticos feitos pelos Xerente.

+ velhos	+/- jovens	+ jovens
haisu=ka folha=branca "folha de papel para escrever (papel)"	haisuka/hesuka "folha de papel para escrever (papel)"	Papé "papel para escrever"
wde=kru=krâi=ze "ponta com cabeça de chifre para escrever (lápiz)"	wdekrurâize/wdekrurêze "ponta com cabeça de chifre para escrever (lápiz)"	rapi/rapø "lápiz"
da=pra=hâ "casca/proteção para o pé dele/dela (sapato/chinelo)".	daprahâ/rambret "casca/proteção para o pé dele/dela (sapato/chinelo)".	rambret "sapato/chinelo"

5. Fatores extralinguísticos

Como se pode observar pelos dados apresentados anteriormente, a língua xerente não só tem seu próprio ritmo de mudança ou variação como vem enfrentando fatores extralinguísticos que colocam em risco uma política interna de seu empoderamento, com o contato cada vez mais intenso com o português. Obviamente, os xerente precisam adquirir a língua oficial do país. Todavia, além da entrada do português na escola, majoritário no ensino médio, a dispersão dos xerente na área indígena dificulta a organização familiar, à medida que estão se dividindo em muitas aldeias: das 07 (sete) aldeias existentes nos anos de 1990, hoje são 82 (oitenta e duas), segundo Tpêkru Xerente, 2019 (informação dada a Sousa Filho). O risco que se corre com essa dispersão na área, além da organização familiar, é a tomada de decisões que sempre fizeram conjuntamente em defesa de suas terras. Oitenta e dois caciques lutarão pelos mesmos objetivos? Outro fator é bastante preocupante. A área vem sendo constantemente invadida por não indígenas. Como enfrentar este problema se estão cada vez mais dispersos e o Estado brasileiro não os ajuda? Qual o papel dos +jovens no cotidiano das aldeias?

6. Reflexões e questionamentos

Como podemos observar neste texto, há fatores positivos e negativos no que diz respeito à atual situação sociolinguística do povo akwẽ xerente. Podemos afirmar que a resiliência desse povo no contato com o não indígena tem se mostrado bastante positiva. Porém, não há como afirmar que ela continuará acontecendo em vista do acelerado movimento de transição que todos nós estamos vivendo: a chamada, por alguns, segunda revolução industrial, e por outros, revolução tecnológica. Se na primeira revolução industrial, o capitalismo tomou o mundo, dividindo-o em países altamente industrializados e ricos e países marginais e pobres, o que acontecerá nesta revolução tecnológica ainda é obscuro para a maioria de seus estudiosos. Claramente, o que sabemos, é o fato de que os povos indígenas, minorizados, constitutivos, portanto, da base da pirâmide econômica e social, serão mais atingidos. Na verdade, já estão sendo. Logo, como tratar os aspectos negativos que impactam o povo xerente? Como tratar os aspectos positivos no empoderamento deste povo? Obviamente, cabe aos xerente lidar com essa transição, como sempre fizeram ao longo de tantos séculos. O que eles desejam para os dias atuais e futuros é decisivo para o tipo de resposta que darão. Contudo, nós, os não indígenas, temos o dever de pressionar e instrumentalizar o Estado brasileiro nas políticas relativas aos povos indígenas. Não podemos nos omitir na defesa dos povos indígenas, nas inúmeras causas que os jogam para o lixo da história. Muitos povos indígenas desapareceram a partir da chegada dos “colonizadores” nas, hoje, três Américas. Cabe aos historiadores, educadores, linguistas, juristas, antropólogos e outros tantos, a defesa dos povos indígenas no cenário científico, político e institucional. Este artigo é uma pequena contribuição em defesa do povo Akwẽ Xerente, visando o empoderamento de sua língua e fornecendo subsídios para a educação escolar indígena.

Referências

- BRAGGIO, S. L. B.. La instauración de la escritura entre los Xerente: conflictos y resistências. Em Calvo, Julio (ed). *Estudos de Linguas y Culturas Ameríndias*. Vol.1, pp.65-81. Universitat de València. Espanha, 2001.
- BRAGGIO, S. L. B. 2005. Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwe: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica*, v. 17 n. 2, 2005. p. 251-273.
- BRAGGIO, S. L. B. (org.). *Estudos de Línguas e Educação Indígenas*. Campinas/SP: Pontes, 2018.
- BRAGGIO, S. L. B. e SOUSA FILHO, S. M. 2020. A aquisição da escrita pela criança indígena: a importância dos inalienáveis e dos grafismos para a identidade Akwẽ Xerente. *Revista TEMA: Letras, Artes e História*. São Paulo, 2020.
- BRASIL. *Constituição*. 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL- MPF. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 6. *Manual de jurisprudência dos direitos indígenas* / 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. – Brasília: MPF, 2019.
- DE GROOT, A. M. B. *Language and Cognition in Bilinguals and Multilinguals*. Washington, DC: Psychology Press, 2011.

- ENFIELD, N. J. (org.). *Ethnosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- EDWARDS J.. Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: toward a typology of minority language situation, em W. Fase, K. Jaespert e S. Kroon (ed.) *Maintenance and Loss of Minority Languages*. Amsterdam: Benjamin, 1992. p. 37-54
- FRANÇA, J. de O. e GRANNIER, D. M. (2013). *Interferências fonéticas/fonológicas do xerente na aquisição do português como segunda língua*. (2013). Disponível em: < <https://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/189/162.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2019.
- GUMPERZ, J.. The speech Community, em Giglioli, P. (ed) *Languages and the Social Context*. London: Penguin Books, 1964. p. 219-231
- HYMES, D.. Toward ethnographies of communication, em Giglioli, P. (ed) *Languages and the Social Context*. 1964. London: Penguin Books, 1964. p.21-44
- ISA - Instituto Socio-ambiental. (2019). *Povo Yanomami solicita apoio do governo para combater maior invasão desde demarcação*. Disponível em: < <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/povo-yanomami-solicita-apoio-do-governo-para-combater-maior-invasao-desde-demarcacao>>. Acesso em: 8 jan. 2020.
- MESQUITA, R.. *Codeswitchings em Akwẽ Xerente*. Tese de Doutorado. Goiânia: UFG, 2015.
- KRIEGER, C.G.; KRIEGER, W. B.. *Dicionário Escolar Xerente-Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista, 1994.
- NETTLE, D. e ROMAINE, S.. *Vanishing Voices: the extinction of the world's languages*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- PARADIS, M.. *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- SILVA, J. I. da. *Entre conflitos e resistências: usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwẽ-Xerente*. Dissertação de Mestrado. UFG: Goiânia: UFG, 2014.
- SILVA, J. I. da. *Direitos Linguísticos dos Povos Indígenas no Acesso à Justiça: a disputa pelo direito ao uso das línguas indígenas em juízo a partir da análise de três processos judiciais*. Florianópolis: UFSC, 2019.
- SOUSA FILHO, S. M.. *Aquisição do português oral pela criança Xerente*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2000.
- SOUSA FILHO, Sinval M. de. Reflexões sobre a aquisição de língua pela criança Xerente. In: BRAGGIO, Sílvia L. B. e SOUSA FILHO, Sinval M. de. *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Goiânia: Ed Vieira, 2009. p. 297-314.
- VIEIRA, R. P. F.. Um olhar sobre o papel da L1 no processo de aquisição do Português escrito como L2. *Eutomia* (Recife), v. II, 2009. p. 603-623.